

Ex.<sup>mo</sup> Sr.

José Rego

32, Praça dos Restauradores

LISBOA

ANNO XIV  
NUMERO 318

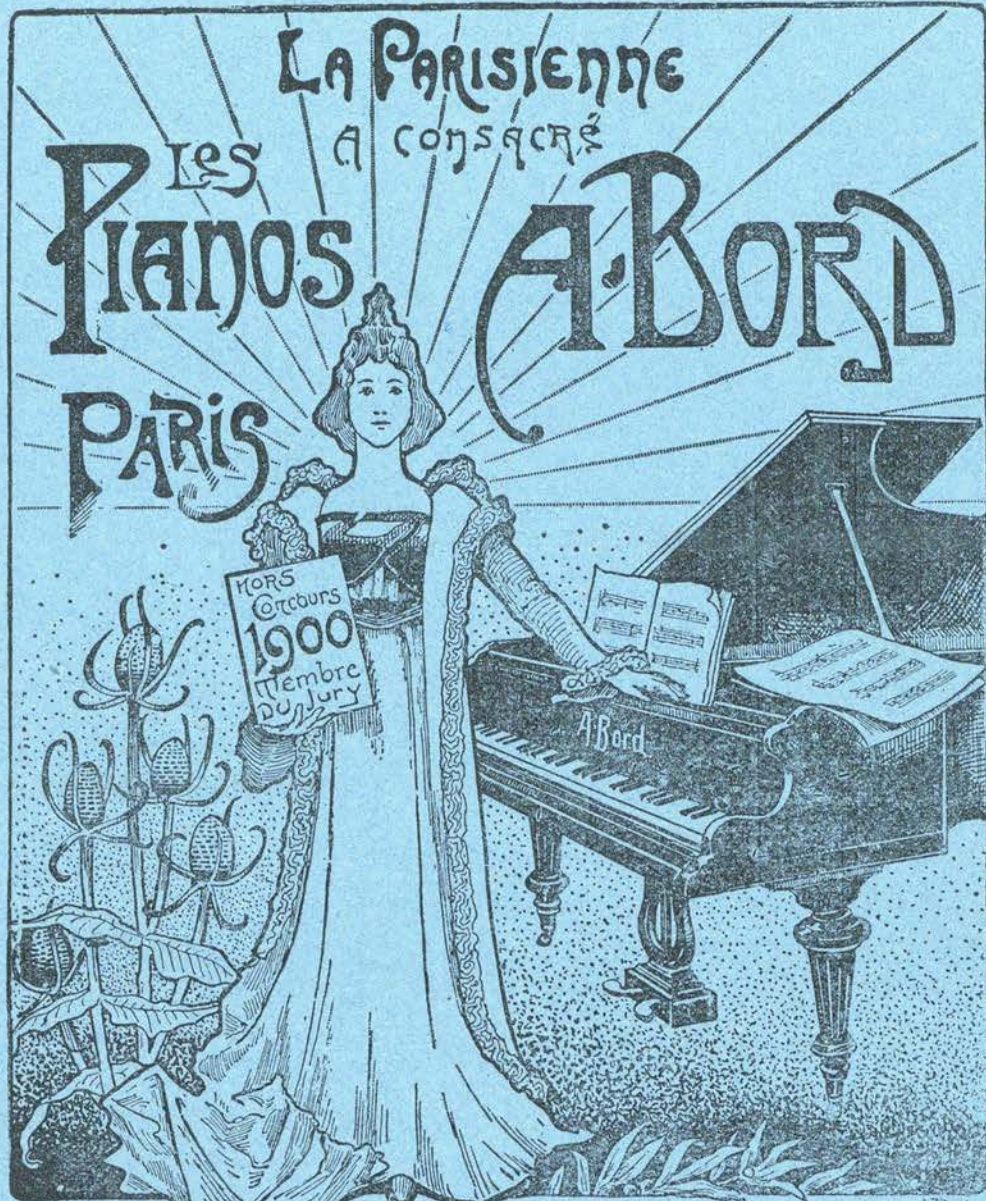
A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça dos Restauradores, 43 a 49

LISBOA



14<sup>bis</sup> BOUL<sup>e</sup> POISSONNIERE

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual.....	3:000
Produção até hoje .....	122:000

Exposição Universal de Paris (1900)

Membro do Jury - Hors concours

Augusto d'Aquino

RUA DOS CORREEIROS, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados  
para a importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

**CARL LASSEN, ASIAHAUS**

HAMBURGO, 8

AGENTES Em : — Anvers—Havre—Paris—Londres—Liverpool—New-York

Embarques para as Colonias, Brazil, Estrangeiro, etc.

Telephone n.º 986.

End. tel. CARLASSEN—LISBOA

**PEARKS' TEA**

OMELHOR CHÁ PRETO

**THORNE'S WHISKY**

OMELHOR DE TODOS

**CHAMPAGNE BINET**

OPREFERIDO POR TODOS

**BÉNÉDICTINE**

O MELHOR DOS LICORES

Unicos representantes

**Wheelhouse & Mackee**

138, RUA AUGUSTA, 2.º

Telephone n.º 3298.

LISBOA

# GAVEAU Grande Fabrica DE PIANOS

SÉDE SOCIAL: 45 e 47, Rua La Boetie - PARIS

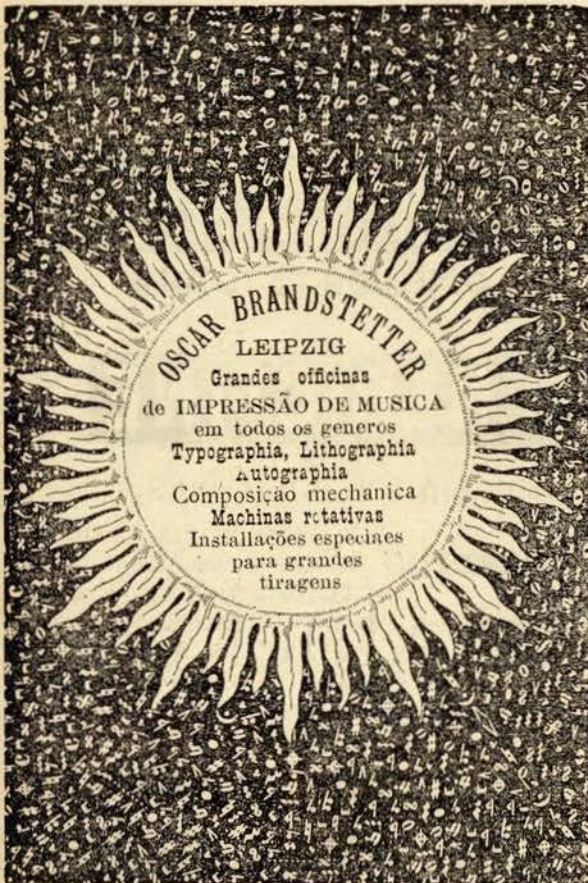
OFFICINA MODELO: Fontenay-sur-Bois (Seine)

**Hors Concours**: Barcelona (1888)—Moscow (1891)—Chicago (1893)—  
Amsterdam (1895)—Paris (1900).

**Diplomas d'Honra**: Amsterdam (1883)—Antuerpia (1885)—Bruxellas  
(1888)

**Grand Prix**: Hanoi (1893)—Liège (1905).

Na Casa Lambertini encontra-se sempre um variado sortimento de  
x x pianos d'esta reputada fabrica x x



## Ernesto Vieira

Diccionario musical, ornado de numerosas gravuras (2.<sup>a</sup> edição) 17800 réis.

Diccionario biographico de musicos portuguezes, 2 vol., adornados com 33 retratos, fóra do texto e na sua maior parte absolutamente ineditos, broch. 47000 réis.

*Encadernado com capas especiaes* 57500 réis.



Redacção e admin, Praça dos Restauradores, 43 a 49. Comp. e impressão Typ. Pinheiro, R. Jardim do Regedor, 39 e 41

SUMMARIO : — Monographias instrumentaes. — A canção portugueza. — Notas vagas. — Concertos.  
— Noticiario. — Necrologia.

## Monographias instrumentaes

III

### A Harpa

(Continuação)

No seculo XV a harpa era o instrumento favorito da nobreza feudal. Na côrte de Borgonha, para não citar senão um exemplo, a duqueza Isabel de Portugal, filha do nosso João I e mulher de Felippe o Bom, tinha tres harpistas famosos, Pierre Thierry, Jehan d'Arras e Jehan de la Court, que mereceram a um poeta do tempo o seguinte elogio :

*Ne face-on mencion d'Orphée  
Dont les poètes tant descrivent,  
Ce n'est q'une droicte fafée,  
Au regard des harpeurs qui vivent,  
Que si parfaitement arrivent  
Leurs accords et leurs armonies,  
Qu'il semble de fait qu'ilz escripvent  
Aux angéliques mélodies.*<sup>1</sup>

O ultimo dos *harpeurs* citados, Jehan de la Court, foi encarregado, segundo reza a historia, de comprar uma harpa para uso proprio de Carlos-o-Temerario, pelo que se vê que, a exemplo do irlandez O'Brien, o filho de Isabel de Portugal se dedicava tambem á harpa, *en amateur*. A importancia da compra não excedeu a modesta cifra de XII francos, seja dito em honra do consciencioso comprador.

Por quantia muito mais subida, 100 libras tornesas, teve que pagar Carlos VI, em 1413,

<sup>1</sup> Apud — Edmond Vander Straeten — «La musique aux Pays Bas avant le XIX siècle», tomo IV (Bruxellas, 1878).

«une belle harpe et bien ouvrée à notre devise, que nous avons voulu avoir et icelle faire acheter pour nous esbattre et faire jouer devant nous». <sup>1</sup>

Sem me deter em James I, rei da Escocia, que foi considerado pelos historiadores inglezes como «the chief of harpers» <sup>2</sup>, direi ainda que, em todo esse seculo, foi tambem na Italia cultivada a harpa, ao lado do órgão, como um dos instrumentos mais aristocraticos da epoca.

Nas Flandres, os harpistas ou *arpeneers*, segundo o dialecto local, tambem não eram extranhos ás funções do culto e Vander Straeten <sup>3</sup>, que considera a harpa como o instrumento ideal da religião no seculo XV, revela-nos, na prospera Audenarde, o concurso de avultado numero d'esses musicos nas festas e procissões do Sacramento. Como instrumento adequado ás ceremonias cultuaes tambem se usou muito em Espanha e mesmo até ao seculo XVIII, como deprehendo da seguinte passagem de um auctorisado tratadista espanhol. <sup>4</sup>

«Es (el Arpa) uno de los Instrumentos Eclesiasticos; pues en España está tan introducido en las Iglesias, para acompañar las Capillas, que es poco menos, que el organo...»

Como se vê, a harpa herdou na Idade Media o prestigio poetico e religioso, que havia caracterisado a lyra e o salterio nos tempos antigos, mas perdeu bastante d'esse prestigio na Renascença, perante o apparecimento do alaúde. Este é que havia de ser o instrumento *princeps* n'esse brilhante periodo d'actividade intellectual e artistica, a par da theorba, da viola e do seu immediato succedaneo, o violino. No seculo XVI, o seculo de Palestrina como nós os musicos lhe chamamos, emquanto a polyphonia vocal tomava proporções admiraveis sob o influxo d'esse genio, não paravam, na sua marcha progressiva, as exigencias da musica instrumental. E a harpa, em verdade, difficilmente correspondia a essas exigencias. Ainda a vemos, a bem dizer, com a forma rudimentar dos tempos bardicos e jogralescos. O formato ou tamanho do instrumento é que augmentou um pouco, mas, dado que cada uma das cordas só podia produzir um unico som, os recursos da technica pouco haviam melhorado.

A titulo de curiosidade, resumirei o que os theoreticos d'esse tempo nos dizem sobre a construcção da harpa.

Bermudo, cujo rarissimo tratado tenho a fortuna de ter presente <sup>5</sup>, diz que não tem um numero certo de cordas, nmas vezes 24, outras 27. Queixando-se dos restrictos recursos chromaticos da harpa, dos quaes não havia mister nos tempos passados, acrescenta o douto frade:— «Ahora que se tañe el genero semichromatico, para tañerlo por la harpa: no puede ser en el temple que tiene: porque le faltan las divisiones de los tonos. Solos los semitonos diatonicos tiene este instrumento». Referindo-so ao modo como alguns harpistas mais habeis conseguiam obter as notas alteradas, instrue-nos pela seguinte forma:— «Dizen, que el nõbrado Ludouico quãdo venia a clausular: poniedo el dedo debaxo de la cuerda, la semitonaua, y hazia clausula de sustetado, Gran destreza y certidumbre era menester para esto», isto é, apertava-se a corda em determinado ponto para se obter o *sustentado*

ou sustentido que se queria obter. Mas lembra o abalisado Bermudo, e esse é um curioso promenor organographico, que se poderia construir uma especie de *harpa chromatica*, intercalando uma série de cordas coloridas entre as que o instrumento já possuia:— «Para ser tan perfecto instrumento este, como el monachordio le falta em cada octaua cinco cuerdas: las quales auian de corresponder alas teclas negras, que tiene el monachordio». E mais adiante:— «Para que las sobredichas cuerdas facilmente se cognosciessen: auian de ser coloradas».

Vincenzo Galilei <sup>6</sup>, pae do immortal astronomo e mathematico, refere-se pormenorizada-mente á *harpa dupla*, que já é uma adaptação pratica das ideias de Bermudo. Recentemente introduzida na Italia, onde não tardou em ter grande voga, a harpa dupla compunha-se de duas ordens de cordas, sendo diatonicas as do lado direito e chromaticas as do esquerdo.

A harpa manual, simplesmente diatonica, ainda não havia comtudo desaparecido <sup>7</sup>; a de



Fig. 24. — Harpa de Maria Stuart

to por certo em 1878, e a harpa de Maria Stuart

<sup>1</sup> Apud H. Lavoix fils — «Histoire de l'Instrumentation» (Paris, 1878).

<sup>2</sup> Referindo-se ainda a James I, diz Dalyell (Op. cit.): — «Harping is classed with the courtly pastimes of 1436, by the contemporary narrative of his assassination».

<sup>3</sup> Op. cit.

<sup>4</sup> Fr. Pablo Nassarre — «Escuela Musica» (Saragoça, 1723).

<sup>5</sup> Fr. Juã Bermudo — «Declaraciõ de instrumentos musicales» (Ossuna, 1555).

<sup>6</sup> Vincenzo Galilei — «Discorso della musica antica e della moderna» (Florença, 1581).

<sup>7</sup> A. J. Hipkins — «Musical Instruments historic, rare and unique» (Edimburgo, 1888), d'onde é reproduzida a fig. 24, descreve em poucas palavras o modo como se tocava a harpa manual: — «They were played resting upon the left knee and against the left shoulder of the performer, whose left hand touched the upper strings». Segundo o mesmo auctor, tocava-se este instrumento com as unhas, pelo que o tocador as devia usar compridissimas.

Maria Stuart (fig. 24), em que o apaixonado Rizzio tantas vezes desferiu os accents plangentes da sua infeliz paixão, não tinha mais que 29 cordas. A harpa a que Cerone <sup>1</sup> se refere no principio do seculo XVII é ainda d'esse genero, mas não tem mais que 15 cordas, e, segundo elle, tocam-se as cordas soltas, como no monocordio e no harpicordio, consistindo o seu jogo simplesmente em 8 cordas repetidas á vontade de oitava em oitava, e empregando-se o temperamento e o solfejo por mutanças; a notação da musica de harpa fazia-se, segundo Cerone, em uma pauta ou tablatura de 15 linhas.

Prætorius <sup>2</sup>, pela mesma epoca, estabelece tres especies de harpas, a vulgar com 24 cordas pelo menos, a grande harpa dupla com a escala chromatica, e a irlandesa que não tinha menos de 43 cordas e que, como affirma o sabio escriptor thuringio, tinha os sons muito agradaveis.

Avançando um pouco em data, citarei ainda Mersenne <sup>3</sup>, de cujo tratado fiz reproduzir a fig. 25, e que já nos revela a existencia corrente de uma grande harpa <sup>4</sup>, baseada talvez no antigo *telyn* gaellico, e que tem como elle uma triplíce fileira de cordas. Na primeira fiada da direita ha 29 cordas; a segunda, destinada aos sons alterados, tem 28; e a terceira, que as leis da perspectiva não permitem vêr na gravura, como diz o proprio Mersenne, contém apenas 18. E' tambem um progresso d'esse tempo a supressão de certos *harpions* ou ganchos que serviam de cravelhas e que, na opinião do arguto frade minimo, produziam sons ingratos e *nazards*.

Como melhoramento importante no seculo XVII, e melhoramento a que nenhum d'esses tratadistas se refere, devo alludir á *harpa digital*, cuja novidade consistia na adaptação de uma série de patilhas ou de botões, que o tocador fazia mover com a mão afim de obter o encurtamento das cordas. Applicado primeiramente o systema só ás notas *dó*, *fá* e *sol*. em breve se generalizou a todas as cordas da harpa, mas com exito apenas passageiro <sup>5</sup>.

Tambem não tiveram senão ephemero successo a *arpanetta*, a *drathharfe*, a *spitzharfe*, a *flügelharfe* e a *Davidsharfe*, typos portateis que se devem considerar como productos um tanto hybridos dos seculos XVI e XVII e cuja vantagem pratica se não pôde deixar de contestar. Collocavam-se quasi todos verticalmente sobre uma mesa, tinham cordas metallicas, afinadas em grupos de duas ou tres para cada nota e tocavam-se com as unhas ou com aneis ponteados <sup>6</sup>.

Em principios do seculo XVII e apesar da insuficiencia dos recursos artisticos que o instrumento offerecia, já o vemos figurar na musica de theatro. No *Orfeo* de Monteverde, cantado em Mantua em 1607, temos a harpa dupla (isto é, com 2 feiras de cordas) ao lado dos cravos, das violas varias, dos violinos *alla francese*, das guitarras, dos orgãos, dos trombones, de todos os outros instrumentos enfim, que constituíam a primitiva orchestra lyrica.

No *San Alessio* de Landi, 27 annos mais tarde, ainda vemos as harpas em companhia de violinos, alaúdes, theorbas, *violoni*, lyra <sup>7</sup> e *gravicembali*, isto é, no meio de uma orchestra exclusiva de cordas.

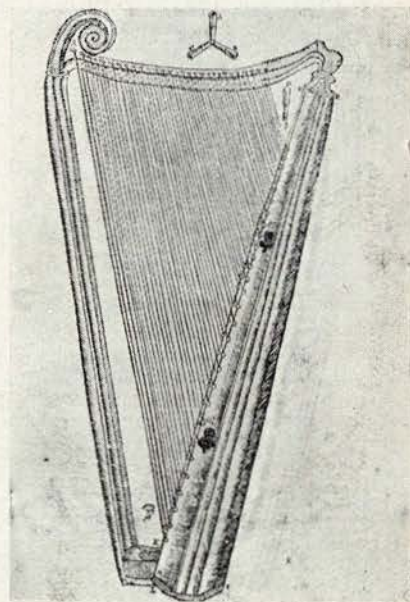


Fig. 25. — Harpa do seculo XVII

<sup>1</sup> Domenico Pietro Cerone — «El Melopeo y maestro» (Napoles, 1613).

<sup>2</sup> Michael Praetorius — «Syntagma musicum» (1614-1620).

<sup>3</sup> Op. cit.

<sup>4</sup> «Solem autem esse quinque pedes alta, licet maior vel minor sieri possit». Cinco pés, creio eu, equivalem a 1<sup>m</sup>,62.

A invenção de uma triplíce harpa, semelhante á de Mersenne, é attribuída a Luc-Antonio Eustachio, *cameriere* do papa Paulo V (1552-1621).

<sup>5</sup> O inventor do systema foi um fabricante tyrolez, cujo nome ignoro, e que vivia, ao que parece, em 1660, segundo uns e em 1690, segundo outros.

Gustave Chouquet — «Le Musée du Conservatoire National de Musique. Catalogue descriptif, et raisonné» (Paris, 1884), attribue erradamente esta invenção a Edward Light em 1816.

Albert Jacquot — «Guide de l'art instrumental. Dictionnaire pratique et raisonné des Instruments de Musique anciens et modernes» (Paris, 1883), dá-lhe a mesma paternidade e a data de 1798. Presumo que o invento de Light, a que estes auctores se referem, é a *harpa alaúde*, de que tirou patente em 1800.

<sup>6</sup> A *arpanetta* e a *spitzharfe* tem as cordas tendidas dos dois lados de uma caixa harpa ou caixa, pelo que devem classificar-se como duplos salterios e não como harpas.

<sup>7</sup> Previna-se o leitor contra a frequente applicação do mesmo nome a instrumentos totalmente diversos. Aqui, a lyra nada tem que vêr com a *chelys* dos antigos gregos, que já foi objecto de uma monographia especial.

Mas, em razão mesmo da deficiência dos seus meios, pouco em harmonia com o crescente desenvolvimento da arte instrumental, a harpa, durante todo esse seculo XVII e principios do seguinte, viu chegado o momento da mais completa decadencia. Em 1720 é que vemos um violeiro de Donauwerth (Baviera), chamado Hochbrucker <sup>1</sup> proporcionar-lhe um repentino impulso com a invenção dos pedaes. A harpa de Hochbrucker afinava-se em *fá* e tinha na sua origem apenas 5 pedaes, que permittiam subir de meio tom as notas *dó*, *ré*, *fá*, *sol* e *si*, sendo portanto interditos os tons de *si* bemol, *mi* bemol, etc. Cada um dos pedaes, communicando por uma haste dissimulada no interior da columna com o jugo ou consola do instrumento, ia actuar sobre uma alavanca que encurtava a respectiva corda simultaneamente em todas as oitavas. Não tardou que o numero de pedaes se elevasse a sete, attingindo assim todos os sons da escala diatonica; mas, ou porque o jogo dos pés fosse considerado difficil para os *virtuosi* d'aquelle tempo, ou porque a rotina, que é de todos os tempos, se não conformasse com innovações aparentemente incommodas, o certo é que o invento de Hochbrucker não logrou a merecida diffusão.

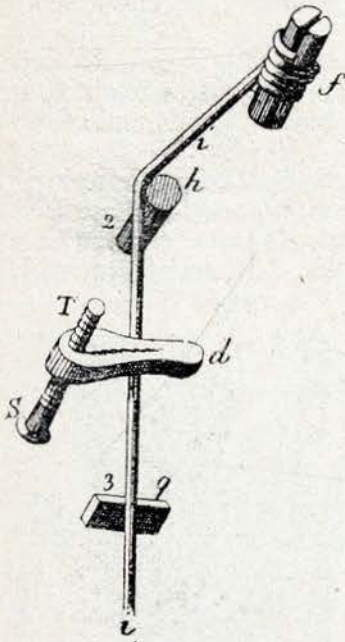


Fig. 26. — Systema de patilhas

Em França, o novo systema só foi conhecido vinte annos depois por intermedio de um allemão, de nome Strecht, sem comtudo se impôr á estima dos harpistas francezes. Na Inglaterra, a *triple harp*, descendente do instrumento tradicional do paiz de Galles, ainda se construia frequentemente no seculo XVIII; com a particularidade de poder adaptar-se a todas as tonalidades, visto ser instrumento chromatico, não se deixaria vencer facilmente pelas vantagens, até então frouxamente authenticadas, da novidade estrangeira.

Na Italia, pelo que deprehendo de Bonnani <sup>2</sup>, ainda se não ouvira fallar, em 1722, na harpa de pedaes e mesmo a harpa commum era instrumento pouco vulgarisado n'esse paiz, como affirma o estudioso jesuita. Em 1723, tambem em Espanha se desconhecia a invenção de Hochbrucker; a *Escuela Musica* de Nassarre, que tenho presente <sup>3</sup>, falla exclusivamente da harpa *de dos ordenes*, ou harpa dupla, declarando ser de data mui recente a introdução da 2.<sup>a</sup> fieira de cordas, destinada a produzir os sons alterados. Pablo Minguet, que escreveu por meados d'esse seculo <sup>4</sup>, ainda nos não dá noticia em Espanha da harpa de pedaes; refere-se como o anterior á harpa dupla. De Portugal não fallemos; supponho que nem mesmo a harpa dupla seria aqui conhecida, apesar do manifesto desenvolvimento da musica tanto theatral como religiosa, durante todo o seculo XVIII.

O systema dos pedaes estava comtudo longe de attingir a perfeição desejada. Alguns annos mais tarde, introduziu-lhe alguns melhoramentos um amadôr de nome Oginski, mas só em 1770 é que um sobrinho de Hochbrucker, o notavel harpista Christiano Hochbrucker, difundiu em Paris definitivamente a harpa de pedaes, ou *harpe organisée*, como os francezes lhe chamavam. O systema creio que era ainda o de patilhas ou *sabots*, que vou rapidamente descrever, valendo-me da fig. 26, que reproduzo da *Encyclopedie*. Consistia esse systema no seguinte: enrolava-se a corda na cravelha *f*, que era semelhante á de qualquer outra harpa; appoiava-se em seguida a corda no cavallette *h*, servindo portanto este de limite superior á parte vibrante da mesma; seguia-se a patilha *d*, presa ao parafuso *S T*, que por uns arames occultos na columna da harpa recebia movimento dos pedaes; havia finalmente o 2.<sup>o</sup> cavallette *q*, que estava collocado por baixo da corda, mas de modo a não lhe tocar.

Na posição normal a patilha tambem não tocava a corda, mas fazendo-se accionar o pedal, baixava sobre ella obrigando-a a tocar no cavallette *q* e portanto a encurtar de meio-tom a sua parte vibrante.

No tempo de Christiano Hochbrucker a afinação do instrnmento era em *mi* bemol, em vez de *fá* como até então se usava.

<sup>1</sup> Baseiando-se em um antigo codice, Vander Straeten (Op. cit., vol. I), dá o nome de Hohebrasken ao inventor dos pedaes. Barney, um musicologo inglez do seculo XVIII, suppõe que seria um certo Simon, de Bruxellas, quem inventou, em 1757, o mecanismo para semitonar as cordas da harpa. Seguindo o mesmo escriptor, a harpa d'esse tempo tinha 33 cordas e estava em grande voga na capital belga.

<sup>2</sup> Op. cit.

<sup>3</sup> Op. cit.

<sup>4</sup> Op. cit.



Veiu depois João Baptista Krumpholz (1745-1790) que imaginou um outro systema e dotou a harpa com dois novos pedaes, dos quaes um se destinava a abrir na caixa harmonica uma gelosia, afim de augmentar a sonoridade, e o outro collocava uma especie de surdina sobre as cordas. O systema de Krumpholz, baseado ainda no principio dos *sabots* e aperfeiçoado por Jean Henri Naderman, consistia em uma série de ganchos que premiam as cordas, quando se queriam semitonar. Mas tinha tambem graves inconvenientes: e um dos principaes era que as cordas, desviadas por essa maneira da posição vertical, desmereciam muito no seu timbre.

Vê-se que os fabricantes procuravam incessantemente uma boa solução, sem lograr encontral-a. Challiot, Holtzmann, Lépine e outros constructores afamados d'esse tempo contentavam-se em percorrer *les camins battus*. Em 1782 Pierre Joseph Cousineau, harpista famoso, como Naderman, lançou a ideia de uma harpa, em que as cordas pudessem subir meio tom ou um tom, á vontade do tocador. Resolveu o problema empregando o dobro dos pedaes, mas o systema, que teve aliás imitadores em Dizi, de Londres, e Erard, de Paris, foi por fim abandonado pela extrema complicação pratica que acarretava. Melhor era o processo que lhe foi sugerido por um amator de nome Rouelle, e que consistia em uma série de alavancas occultas na consola do instrumento, tendo por intuito fazer voltar as cravelhas no seu eixo e dar consequentemente uma maior tensão á corda. E' d'esse systema, aliás defeituoso tambem, o instrumento reproduzido na fig. 27, que constitue um dos mais elegantes especimens da fabricação do seculo XVIII<sup>1</sup>.

Emquanto os fabricantes porfiavam na descoberta dos melhores e mais praticos processos de construcção, readquiria o instrumento uma grande voga, principalmente em França. As mulheres formosas começaram de vêr na harpa um precioso auxiliar da garridice e nada havia realmente como o lindo instrumento biblico para pôr em relevo um busto finamente arqueado, umas mãos patricias e uns braços torneados a capricho pelo supremo fabricadôr de cousas bellas. O coquettismo, supprindo talvez o verdadeiro gosto artistico, deu fóros novos á harpa dos bardos e dos jograes, transformada, ainda que deficientemente, pelos Naderman e pelos Cousineau, em adorno de salões luxuosos e complemento favorito de feminina gallardia. Durante o reinado de Luiz XVI estava o culto da harpa no seu apogeu e a rainha não concorreu pouco para a vulgarisar nos salões da aristocracia<sup>2</sup>. As duas harpas, que se diz haverem pertencido á mallograda Maria Antonietta, tem sido objecto de controversias sem fim, e de constantes surpresas entre colleccionadores e negociantes de *bric-à-brac*. Como tem succedido com os cravos da Madre Paula em Portugal, as harpas da ultima rainha de França surdem de todos os cantos, sem que haja meio de provar em favor de qualquer d'ellas a contestada authenticidade de todas as outras. A que existe no Museu de Paris, feita por Naderman, festonada de preciosas grinaldas e vestida de pinturas ricas, foi descoberta em uma arrecadação da municipalidade de Nancy; é adornada de uma aguia, e a aguia, como se sabe, serviu d'emblema á antiga archiducueza d'Austria, mesmo depois de subir ao throno francez. Por occasião da exposição retrospectiva de Vienna, em 1890, apparece, entre os *souvenirs* da casa de Habsburgo, uma segunda harpa de Maria Antonietta; provém esta do *Nationalmuseum* de Praga. No *South Kensington Museum* ha tambem uma elegante harpa, que Engel reproduz em photographia no seu bem ordenado catalogo, e que tambem passa por haver pertencido á mesma real amadora. Uma outra harpa, e esta de Cousineau Père & Fils, figura tambem no catalogo de uma exposição londrina<sup>3</sup> com a já classica legenda «*said to have belonged to Queen Marie Antoinette*». Na importante collecção instrumental de Albert Jacquot (Nancy), ha ainda uma linda harpa, com o tampo em laca da China e com as armas da mullier de Luiz XVI; é assignada pelos Cousineau, como a precedente. E não são só estas as que tem apparecido!

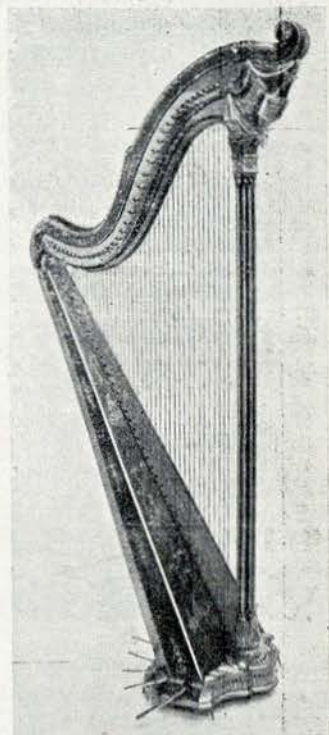


Fig. 27.—Harpa de Cousineau

<sup>1</sup> Pertence á collecção do auctor.

<sup>2</sup> Foram professores de Maria Antonietta, primeiramente José Hinner, de Vetzlar, e a partir de 1780 Christiano Hochbrucker.

<sup>3</sup> «Catalogue of the special exhibition of Ancient Musical Instruments» MDCCLXXII (Londres, 1873).

O Museu de Paris possui também a harpa da princeza de Lamballe, a íntima amiga de Maria Antonietta e, como ella, grande entusiasta de musica. Também se tem discutido a autenticidade d'este instrumento, apesar do letreiro gravado na consola — *Marie-Thérèse Savoie-Carignan Princesse de Lamballe*.

Entre as amadoras celebres d'esse tempo, devo também contar a condessa de Genlis, que não só se produziu muitas vezes como solista, mas publicou mesmo um methodo de harpa, muito estimado n'esse tempo. <sup>1</sup>

<sup>1</sup> A vida de Madame de Genlis, principalmente como harpista, está intimamente ligada ao movimento musical em França no último quartel do século XVIII e primeiro do século immediato. A bella revista parisiense, *S. I. M.*, publicou recentemente um estudo muito interessante sobre a dama de honor da duquesa de Chartres, referindo-se n'estes termos á sua aprendizagem musical: — «A coté de ses 7 à 12 heures d'étude sur la harpe, l'infatigable jeune fille trouvait le temps de jouer du clavier, de la guitare, de la musette et du pardessus de viole, d'apprendre l'accompagnement avec Philidor, et de se perfectionner dans le chant italien avec Pellegrino, qui venait lui donner sa leçon à six heures du matin». Além do Methodo, cuja primeira edição é de 1802, a condessa de Genlis publicou: — «Leçons d'une gouvernante», «Memorias», «Cartas», etc.

Entre as publicações que se occupam d'esta interessante personalidade musical, deve citar-se: **Jean Harmand** — «Madame de Genlis, sa vie intime et politique, 1746-1830» (Paris, 1912).

(Continúa).



## A Canção Portuguesa

A *matinée* de 3 do corrente annunciava-se por muitos motivos digna de interesse, e, o que é ainda mais agradável de registar, a audição confirmou plenamente esta impressão.

Abriu a sessão a palavra erudita de Antonio Arroyo, que, apontando-nos os melhores processos para obter e classificar musica popular, nos citou os grandes exemplos de Pedrell e Bourgault-Ducoudray.

Não resistimos aqui a emittir a duvida: será o canto popular portuguez adaptavel á musica moderna?

Sobre a musica popular russa, por exemplo, não teriamos duvidas; o seu corte melódico suggere bellas sonoridades, quanto a rythmos, tem-nos admiraveis, de riqueza e de plasticidade <sup>1</sup>. Dados estes caracteres essenciaes, não será difficil estabelecer a ligação entre elles e as bellezas da *pequena suite*, da 2.<sup>a</sup> symphonia, da symphonia inacabada (com o seu scherzo em compasso de cinco tempos) e do *Principe Igor*, de Borodine.

Para mostrar o que ha de elevado e bello no folk-lore hespanhol, bastar-nos-hia lembrar a *Catalana*, de Albeniz, *La soirée dans Grenade* (Debussy), quasi toda a obra de Ravel, e, vendo uma fioritura livre de tonalidade, um d'estes themas incisivos de tres ou quatro

notas, que dão uma harmonia rara, geram um rythmo novo, elementos de belleza que abundam nas cantigas hespanholas, não poderemos deixar de dizer como dissemos das russas: «presta-se...» Ora applicuemos isto ao fandangos, ás chulas, aos duettos do Alemtejo e?... ahi deixamos a interrogação.

Podemos consolar-nos ao menos com a ideia de que tanto as musicas populares francezas como as allemãs são declaradamente inadaptaveis á escripta moderna. Afigura-se-nos inutil insistir na inoportunidade de refazer hoje a atmosphaera do *Freischütz*, do quintetto da truta e da conhecida melodia de Schubert *Ich hör' ein Bächlein rauschen*, obras que dão bem a nota caracteristica da canção allemã, e, se nos citarem a symphonia *sur un chant montagnard français* responderemos que, com as theorias de excessivo *morcélement*, que, a proposito de *cellulas* e *desenvolvim ntos* professa d'Indy (a quem aliás respeitamos como grande e austero artista), se pôde fazer tudo, até sete symphonias sobre meio thema montanhez, tudo, menos que digamos da canção franceza o que dissemos da russa e da hespanhola. Repararemos também de passagem que, no Mestre da Schola Cantorum, ha pelo menos tanto de Wagnerismo como de Franckismo (isto para a historia da evolução).

Mas agora nos lembramos (e esperamos que ainda a tempo de não maçar) que o motivo principal d'esta chronica já vae longe no meio de tanto desenvolvimento e que é com certeza mais interessante voltar á *matinée* para dizer que Arroyo nos falou de Armand Marsick, autor do poema symphonico *La source* e actualmente professor do Conservatorio de Athenas), de musica popular grega, dando-nos mais uma vez o illustre conferente a impressão de estar

<sup>1</sup> E' curioso observar, que, no meio (e crêmos que: por causa) da sua grande liberdade rythmica, o povo russo respeita escrupulosamente, no canto, as exigencias prosódicas do texto, ao contrario do que geralmente fazem os outros povos.

sempre perfeitamente a par do assumpto que lhe apraz discutir.

Da parte musical destacaremos ao acaso da memoria a *Moleirinha*, letra de Junqueiro e a ballada *Mirandum*, esta, curiosa, sobretudo se Lopes Vieira em digressão pela provincia ouviu a um homem do campo esta canção parallela á do celebre *Malborough s'en va-t-en guerre*.

O auctor de ambas estas graciosas melodias é o P. Thomaz Borba, um artista que muito especialmente designamos á attenção dos amigos da musica.

A *great attraction* do programma foi sem contestação o facto de elle constar na sua quasi totalidade de melodias de Thomaz Borba. Segundo parece, este compositor era o unico a ter obra já feita no genero.

Terminaremos felicitando cordealmente Alexandre de Azevedo, o incansavel organisador e interprete d'esta festa verdadeiramente encantadora, que teve alem de tudo o merecimento de enriquecer a arte nacional, attendendo a grande parte das poesias terem sido escriptas expressamente.

L. F. B.



## Cartas a uma senhora

168.<sup>a</sup>

De Lisboa.

Ah! Eu não posso descrever, ainda que os ventos soprem contrarios, das insitas energias do povo a que pertencço.

Veem de vez em quando pesadas nuvens, prenhes de tempestade e de horror, ennegrecer o céu azul da minha esperanza; por momentos o pessimismo invade-me e sinto-me descrever de todos e de tudo.

Então os naturaes e inevitaveis estorvos que uma nação em marcha encontra no caminho, afiguram-se-me irremoviveis e as contradicções inherentes á natureza fragil dos humanos, juntamente com a ancia quasi insoffrida de avançar depressa, determinam no meu espirito essa especie de desequilibrio ideal entre o que amorosamente se sonhou e o que vagamente se realisa.

E eu vejo, com dôr e com tristeza, as mal-

versações de creaturas esquecendo, como dizia o chefe allemão Twesten, «que uma certa fixidez nos principios é o que distingue um homem politico d'um molusco».

Noto com pasmo a facilidade, com que quasi a dois passos de promessas sagradas, vistosos *rectores* ainda envolvidos na flamante e pintal-gada clamide da oratoria dos momentos solemnes, desandam em tregeitos psychologicos que não podem traduzir-se em linguagem.

Emfim conluo, entre desgostoso e enojado, que em vão se invocam ás vezes grandes datas e memoraveis acontecimentos, porque o moralizador ensino que de taes recordações deveria resultar, continúa letra apagada e morta.

Mas, advertindo que a linha ascensional do progresso humano gira em volta d'um helicoide que tendo um dos seus pontos de apoio na vasa negra em que mergulhamos, destacou o outro para esse infinito espaço aonde procuramos dirigir-nos e que eternamente se desloca subindo sem descanso: resignado me acolho ao doce convencimento de tão alliciente doutrina e com serenidade fico esperando o advento de mais suaves e consoladores momentos que sem duvida não deixarão de se tornar visiveis aos olhos até dos que teimosos persistam em não querer conhecê-los.

Agora mesmo, ao annunciar-se e definitivamente segundo se affirma, a criação do ministerio da instrucção publica ou, melhor, da educação nacional, como se bem me lembro propõe que elle seja chamado o erudito escriptôr Dr. José de Magalhães, aqui me tem a minha amiga reverdecendo de esperanças, e convicto de que a final se fará alguma coisa de profundo e de serio no que diz respeito aos destinos moraes e intellectuaes da familia portuguesa.

Collocada, conforme é mister que succeda, fóra da acção strictamente partidaria, e facciosamente politicante da intriga dos corrilhos, a entidade chamada a intervir na delicada operação de crear uma alma e uma consciencia nacionaes, cultivando-as ao mesmo tempo nos dominios da esthetica por meio da poesia e da arte, e nos dominios da ethica por via da vontade e do character: tal entidade iniciará de vez a almejada revolução mental que todos queremos, pela qual temos vindo pugnando e que representa mais do que a vida contingente de alguns milhares ou milhões de seres, porque decidirá da sorte de todo um aggregado humano e social e da sua logica integração no movimento geral e progressivo do mundo.

Tantos são os syntomas claros e palpaveis de que Portugal tacteia o terreno por onde pretende seguir para salvar-se, que lá, porque uma ou outra vez parece recuar, mercê do retrocesso lamentavel de alguns dos seus pseudo-dirigentes, não ha o direito de duvidar das consequencias de tanto esforço.

Eu sei que procuram agora mesmo abrir brecha na theoria de que nenhuma força se perde, e Gustave le Bon tem até sobre o assumpto bem interessantes paginas; mas deixemos a contestação aos philosophos que sempre se deliciarão em controversias transcendentales, e asentemos no facto de que se as energias, dissociadas, de elementos em acção nunca deixam de exercer um determinado influxo e de produzir uma dada resultante, associando-se, mais victoriosamente não de affirmar-se.

Ora tal é o nosso caso. As energias existem, trabalhavam em ordem dispersa e algo teem realisado; trabalhando em ordem combinada mais e melhor farão.

Para por exemplo, deixar aqui registada uma n'este sentido sympathica e benemerita iniciativa filha d'essas energias, falar-lhe-hei minha senhora da que acaba de lançar a Sociedade de Estudos Pedagogicos, resolvendo chamar as atenções geraes por meio de audições que vae promover, para a implantação na escola primaria do canto coral que ainda hoje é entre nós como que uma mera hypotbese, a despeito dos varios tentamens coroados de exito.

Thomaz Borba, Silveira Paes, Cardona e mais alguns teem escrito a musica para a letra apropriada a tal fim, e lançada a idéa, quero crer que nem toda a semente se perca.

Seria impertinente, querida amiga, accentuar perante o seu alto entendimento a importancia educativa e o valor pedagogico de tal innovação no ensino da creança portuguesa, que não obstante a boa vontade de tantos, tão poucos amigos conscientes e sabios tem encontrado a valer-lhe. Se d'esta vez um feliz quarto d'hora houver soado e se tornada viavel a tentativa da Sociedade de Estudos Pedagogicos, collectividades e individuos mostrando comprehende-la a coadjuvarem, é bem possivel que esteja encontrado o fulcro em volta do qual lindas, lindissimas festas virão a organizar-se ao longo de toda a encantadora terra lusitana, e mais uma vez uma ondulação de aspecto meramente didactico terá tido repercussões de natureza esthetica o mais attrahentes possivel.

Como vê, é uma lufada de ar novo e vitalisante com que hoje procurei refrescar esta carta, e se não consegui traduzir sequer um reflexo da alegria que sinto, attribua o insuccesso á fraqueza da minha penna e á frouxidão da minha palavra.

«Aquelle que contempla formosas coisas e ouve doces sons sente-se triste em plena felicidade. Por certo se lembra em pensamento de belleza maior, e de musica mais harmoniosa que em existencia anterior porventura gosou.»

Lê-se isto na primeira scena do 5.º acto da *Shacuntala* do poeta Kalidasa.

Não pretendo entrar no substractum metaphisico d'esta encantadora passagem; mas,

applicando-a ao presente caso, apenas procuro lembrar precisamente o contrario, e vem a ser que todos aquelles que enlevados no goso a que o poeta indiano allude pensarem em proporcionar ás creanças que agora nascem, essa porção de prazer ideal que alguma vez prelibaram, devem sentir-se não tristes mas contentes por terem procurado esmaltar a existencia dos que tantos dias de amargura acaso ainda terão com algumas horas de viva e immaterial alegria que nunca mais lhes esquecerá, e constantemente lhes irá perfumando o sinuoso caminho atravez do mundo.

Affonso Vargas.



O de 4 de março, promovido pelo professor Rey Colaço para apresentação de algumas obras de musica antiga, chamou ao salão do Conservatorio uma concorrência excepcional.

Para esta interessante audição Rey Colaço rodeou-se de alguns solistas amadores e profissionaes, que não pouco concorreram para suscitar um grande movimento de sympathia em favôr d'este artistico apprehendimento.

Em primeiro lugar, sua propria filha D. Joanna, primorosa pianista, que sobretudo na *Arietta* de Leonardo Léo mostrou uma grande pureza de dicção e um conhecimento exacto da litteratura musical do seculo XVIII. Seguiu-se o amador inglez, sr. Somers Cocks, que n'uma difficil sonata de Benedetto Marcello poude fazer sobressahir os seus bellos dotes de violoncellista sobrio e intelligente, evidenciando alem d'isso no allegro da mesma sonata uma optima mão esquerda. Um dos numeros de sensação era o *Concerto* de Bach para piano, com acompanhamento de quarteto dobrado e contrabaixo. A solista, sr.<sup>a</sup> D. Maria Henriqueta D'Korth houve-se n'esta formosissima obra e sobretudo no primeiro e ultimo andamentos por fórma a merecer, sem favor de especie alguma, as ovações que lhe foram prodigalisadas pelo auditorio. São notaveis n'esta illustre amadora — a perfeita egualdade mecanica das duas mãos, a nitidez e clareza da technica, o bom acabamento de todas as phrases e o grande sentimento rythmico. O violinista D. Pedro Blanch tocou um *Preludio* e uma *Gavota* do mesmo Bach, que o publico lhe agradeceu com prolongados applausos; foi excellente a

sua execução, principalmente no preludio. Uma sonata para flauta e piano, que se seguiu, deu-nos ainda o ensejo de conhecer um amador de valor, o sr. F. Schott, tanto mais para apreciar-se quanto hoje a flauta é um instrumento quasi abandonado, no solo de concerto. E o sr. Schott toca realmente bem, com facilidade de mecanismo e emissão facil mesmo no registro grave, que é, como se sabe, o *cauchemar* de muitos flautistas.

Este bello programma foi enquadrado, para abertura e fecho, com um *Trio* de Bach, com flauta, e varios solos de piano pelo professor Colaço.

\* \*

Uma das mais distinctas festas a que o Porto musical tem ultimamente assistido é a que organisaram em 6 d'este mez os professores Luiz Costa e D. Leonilda Moreira de Sá e Costa, com o concurso de algumas das suas discipulas dilectas.

Alem de uma *Suite* de Rachmaninoff, tocada a dois pianos pelos promotores do concerto e de alguns coros de bello effeito, distinguiram-se como solistas as sr.<sup>as</sup> D. Adelaide Pizarro, D. Abigail Bastos, D. Isabel Silva, D. Georgina Gallo, D. Maria Adelaide Diogo, D. Esther Guimarães e D. Adosinda Paiva.

Luiz Costa e sua illustre esposa foram muito festejados e receberam valiosos brindes de discipulos e amigos.

\* \*

No domingo, 10, effectuou-se no theatro da Republica mais uma *matinée* orchestral, sob a direcção do sr. D. Pedro Blanch. Figuraram no programma uma *suite* de Julio Neuparth, com o titulo de *Oriental*, a *Invitation* de Weber, orchestrada por Weingartner, a *Ouverture* dos *Mestres*, a *Symphonte inachevée* de Schubert e as *Dansas hungaras* de Brahms.

Não podendo assistir a esta interessante audição, pelos motivos que expomos em outro logar, limitamo-nos a registrar, com a maior satisfação, que as criticas dos nossos collegas diarios lhe foram extremamente favoraveis.

Annuncia-se para o proximo domingo 17, uma outra *matinée*, em festa artistica do maestro Blanch.



## NOTICIÁRIO PORTUGAL

Fixaram-se as datas de 13 e 15 do corrente para os concertos do *Orpheon Portuense*; os

solistas são o violoncellista L. Fournier e a pianista A. Ferti, expressamente contractados pela benemerita instituição musical para estas duas audições.

\* \*

No jardim Passos Manuel, do Porto, tem havido concertos classicos pelo *Sexteto Görner*. No primeiro, que teve logar a 4 d'este mez, tocou-se a *Sonata* em fá, de Grieg, uma *suite* do *Etienne Marcel* de Saint-Saëns e uma redução da *Symphonia incompleta* de Schubert.

No segundo concerto, a 7, figuraram obras de Wagner, Saint-Saëns, Gluck, Liszt e Beethoven.

\* \*

O *Seculo* de 1 d'este mez publica a descrição e reproducção da fachada do *Politeama de Lisboa*, novo theatro que se está construindo na rua de Santo Antão, e a que já nos referimos n'esta revista.

\* \*

Para solemnizar o terceiro anniversario da sua fundação, realisou no dia 7 a *Associação de classe dos Musicos Portuguezes* uma interessante conferencia no salão do Conservatorio. Foi orador o conhecido professor, sr. Agostinho Fortes, cuja apresentação foi feita pelo talentoso pianista Theophilo de Russell, e que desenvolveu interessantes temas sobre a musica do nosso paiz, as vantagens do collectivismo e a necessidade, hoje reconhecida por todos, de levantar o nivel intellectual do musico portuguez.

Apoz o brilhante discurso do sr. Agostinho Fortes, que foi entusiasticamente ovacionado, devia realisar-se, na séde da associação, o desceramento de um quadro de honra dedicado aos socios; esta cerimonia ficou, porém, transferida para quando se annunciar.

\* \*

A's nossas gentis leitoras recommendamos gostosamente duas novidades musicas do apreciado compositor portuense, sr. Eduardo da Fonseca — o two-step *Toujours gai* e a valsa *Malmequer*?

Esta ultima, sobretudo, é encantadora e como tal a declaram os celebres compositores Rodolphe Berger e Octave Crémieux em cartas amabilissimas que dirigiram ao auctor.

\* \*

Por incommodo de saude do sr. D. Luiz da Cunha e Menezes, que gentilmente se havia encarregado do *compte-rendu* do ultimo con-

certo d'orchestra no theatro da Republica, assim como da secção referente a assumptos lyricos, vêmo-nos obrigados á ultima hora a renunciar aos artigos do nosso illustre collaborador.

Invocamos a benevolencia dos nossos leitores para esta falta, que já nos não é possível remediar.

\*\*

Tendo-se rapidamente esgotado o 5.º Boletim de musica a preços extremamente modicos, editado pela casa Lambertini, já se está dando ao prelo o 6.º Boletim.

E' provavel que os nossos assignantes já o possam receber com o proximo numero.

\*\*

O nosso sollicito collaborador, sr. Luiz de Freitas Branco, promete-nos, em continuação do seu artigo aqui publicado sobre a musica allemã moderna, um interessante trabalho sobre *A critica allemã e os musicos estrangeiros*.

Esperamos poder publicar-o no proximo numero.

\*\*

Recebemos o primeiro numero de um novo quinzenario eborense, com o titulo de *Artes*.

Alem de varios artigos criticos de actualidade, traz o principio de um artigo sobre o Padre Serrão, devido á penna do eminente homem de letras, sr. dr. Theophilo Braga.

Agradecemos o envio da brilhante revista.

## ESTRANGEIRO

Foi aberto concurso para a nova adjudicação do Theatro Real de Madrid, apresentando-se varios concorrentes em condições extremamente vantajosas. Tiveram preferencia os srs. Calleja & Boceta, que já ha alguns annos estavam dirigindo o theatro lyrico espanhol, e são actualmente empregarios do nosso S. Carlos.

O sexto festival Bach, promovido pela *Nova sociedade* d'esse grande compositor, realizar-se-ha de 15 a 17 de junho inclusivè, em Breslau, sob a direcção de Georg Dohm.

Madame Wanda Landowska, que se encontrava no principio do anno em Varsovia, partiu para o Caucaso, Allemanha e Hollanda em *tournee* artistica. Como é sabido, esta insigne

evocadora da musica do passado viaja acompanhada pelos seus cravos.

\*\*

Não resistimos a transcrever as conclusões do bello trabalho de G. Sizes sobre acustica moderna (S. I. M., 15 de janeiro de 1912).

«Rien n'a démontré jusqu'ici d'où le son appelé *fondamental* tire son intensité et sa constitution harmonique; c'est à dire: dans quelles conditions on pourrait dire avec certitude qu'il est le son *générateur* de ses manifestations acoustiques. L'étude approfondie des manifestations vibratoires d'un ensemble de corps sonores nous a démontré—par la seule audition de ces manifestations et en leur appliquant la méthode harmonique musicale—que le son appelé *fondamental* jusqu'ici n'est que l'harmonique le plus intense d'un ensemble extrêmement étendu d'harmoniques plus graves et plus aigus que ce son. Par conséquent il n'est que le son *prédominant* d'un ensemble de manifestations vibratoires, et l'échelle supérieure de ces vibrations n'est qu'une *échelle partielle* plus ou moins incomplète.

Sa véritable fondamentale—ou son I de l'*échelle générale*—vibre à un intervalle beaucoup trop éloigné, dans le grave, pour être entendue.

\*\*

Representou-se no theatro *des Arts* de Ruão uma especie de: «vida de Napoleão, em quadros vivos», intitulada *l'Aigle*, cuja papa musical, um pouco dessorada, foi mexida pelo feliz auctor de *Quo Vadis?*... o sr. Jean Nouguès.

E agora de repente nos lembra que Massenet carpintejou mais uma coisa para Monte-Carlo que foi applaudida *à tout rompre*. Nós agora o que queríamos era romper (momentaneamente) outra coisa: o nosso contracto de chronista para não criticar este drama trágico. Aqui muito em segredo: não adquirimos a partitura nem sequer nos informámos sobre o seu apparecimento; e, (já é ter audacia!) chegamos a incitar os nossos amaveis leitores a que façam o mesmo.

Sobre a *Rome Vaincue* de Parodi, que deu origem ao... *libretto*, continuamos na mesma ordem de ideias, portanto, *vous comprenez*, não insistimos. Agora só duas palavras: o mórdomo encarregado de fazer as honras do *appartement* destinado a Massenet pelo principe de Monaco por causa d'esta opera (de todo nos esqueceu dizer que se chama *Roma*) exclamou ao mostrar-lhe o quarto:

«E' um quarto historico, este!..»

Monsieur Massenet, lisongeado, arrebitou a

orelha. Achou em todo o caso de melhor tom não comprehender: «Porquê?...» perguntou.

E o mordomo, admirativo:

«Porque Saint-Saëns já aqui dormiu.»

\*  
\*\*

M. Rutland Boughton está publicando na *Musical Review* um estudo intitulado *The pictorial element in music*.

\*  
\*\*

A orchestra Lamoureux que segundo consta visitará brevemente Lisboa, acaba de se fazer ouvir num concerto em Lyão com o seguinte programma: *Symphonia Heroica, Nocturne*, de Debussy; ouverture de *Manfred*, de Schumann, *Tristão e Isolda*; *Marcha dos peregrinos*, de Berlioz, e *Capriccio Hespanhol* de Rimsky Korsakoff.

\*  
\*\*

O conhecido regente G. Pierné, acaba de descobrir um compositor de nome Fanelli, cuja *Suite* ao ser lida pela orchestra Colonne despertou um louco enthusiasmo. Annuncia-se para breve a execução em publico.

\*  
\*\*

Entre os ultimos concertos de Bruxellas cita-se o de Emil Sauer, como um grande triumpho para o celebre pianista, e o do Conservatorio em que foi admiravelmente executado por De Greef e Gurickx o *Concerto em dó*, de Bach, para dois pianos.

\*  
\*\*

No theatro da Monnaie, da mesma capital, prepara-se a primeira audição da *Farce du Cuvier* de Gabriel Dupont e Maurice Léna.

Deve representar-se em 21 d'este mez.

\*  
\*\*

Para a construcção da nova Gpera Real de Berlim, apresentaram-se quatro projectos, devidos aos architectos Ihne, Seeling, Littmann e Grube. Não tendo sido approved em absoluto nenhum d'esses projectos, o governo allemão, ou antes o imperador, resolveu dar uma larga publicidade aos *croquis* d'esses projectos, valendo-se dos jornaes illustrados, de modo a orientar-se na opinião publica, que não deixará de pronunciar-se sobre qual convirá mais aceitar.

E' uma especie de plebiscito encapotado,

que gostaríamos de vêr adoptado n'este jardim da Europa, quando governo, parlamento e *tutti quanti* se encontram embaraçados na resolução de certos problemas d'arte...

Entre nós, seria talvez um modo de liquidar Reformas do Conservatorio, Concursos de professores de violino, e outros casos bicudos, em que a burocracia anda positivamente ás aranhas, e que estão servindo, ha longos mezes, de gaudio á galeria.

\*  
\*\*

Eugen d'Albert deu em fevereiro passado um concerto em Berlim, em favôr de uma caixa de soccorros da Orchestra Philharmonica.

Rendeu mais de 2 contos de réis.

\*  
\*\*

Na epoca lyrica de Vienna, que acabou ha pouco, e que por signal foi tão artistica como fructuosa, tiveram exito especial o *Jongleur de Notre Dame* e o *Pelléas*, duas novidades para o publico viennense.

E a proposito, quando ouviremos nós em Lisboa o *capo-lavoro* de Debussy?

\*  
\*\*

A *Bella Helena* de Offenbach, com uma nova *mise-en-scène* de Max Reinhardt, tem feito uma carreira triumphal nas principaes cidades allemans e austriacas. Depois de applaudida com enthusiasmo em Munich, Vienna e Berlim, teve agora a sua consagração no pequeno mas artistico theatro de Nuremberg.

\*  
\*\*

O editor Georg Kaiser, de Dresde, vae publicar uma collecção, tanto quanto possivel completa, das cartas de Weber.

O *Euryanthe* do mesmo Weber, cujo libretto tem prejudicado consideravelmente o exito d'esta bella obra, está sendo refundido na parte poetica.

Por occasião da próxima exposição de Bellas Artes em Madrid, vão abrir-se varios concursos musicaes. Um com o premio de 4:000 pesetas para uma obra orchestral; outro de 2:000 pesetas para uma collecção inedita de cantos regionaes; outro de igual cifra para uma versão em notação moderna de codices

do seculo XV e seguintes; e finalmente um premio de 20:000 pesetas para uma orchestra com o minimo de 70 executantes, que satisfaça a um certo numero de condições propostas.

\*  
\*\*

Um cervejeiro de Colonia, chamado Peter Unkel, deliberou trocar a cerveja pela scena lyrica. Dizem ter obtido um successo colossal no Sigmundo da *Walkiria*, cantada ultimamente em Aix-la-Chapelle.

\*  
\*\*

Arrigo Boito, o auctor do *Mefistofeles*, completou ha pouco 70 annos. Dizem-nos de Roma que se pensa em attribuir ao notavel compositor e librettista um *fauteuil* de senador.

\*  
\*\*

Sob a direcção de Alfredo Casella vae inaugurar-se em Paris uma serie de concertos populares, com orchestra.

Effectuar-se-hão ás quintas-feiras á noute, na grandiosa sala do Trocadero, e terão preços abordaveis, ainda para as bolsas mais modestas.

\*  
\*\*

Na Opera de Paris vae subir á scena o *Sigurd*, de Reyer, em 27 d'este mez, seguindo-se a *Roma* de Massenet, cujos estudos se estão activando.

\*  
\*\*

Entre o pessoal do conservatorio de Napoles tem feito má impressão a nomeação do maestro Fano para director d'aquelle estabelecimento d'ensino, pelo facto de... não ser napolitano.

E' espantoso! Julgavamos que só em Portugal é que havia este mesquinho espirito de campanario...



Falleceram os srs Felippe Fernandes, antigo regente da banda d'infanteria 27 (Fnncchal), e Ernesto Desforges, conhecido empresario de spectaculos theatraes.

## Expediente

A administração da revista sollicita dos assignantes que ainda não tinham satisfeito a importancia das suas assignaturas, a fineza de o fazerem com brevidade, afim de evitar inuteis despesas de cobrança.

\*  
\*\*

As capas especiaes d'encadernação para o anno de 1911 estão já em venda ao preço habitual de 400 réis. O trabalho do empaste importa em 200 réis.

\*  
\*\*

Acceitam-se ofertas dos numeros 59, 124, 135, 204 e 274, que são sollicitados por alguns colleccionadores.

# MUSICAS \*

Está em publicação \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ o BOLETIM N.º 6



# desde 20 réis

## CASA LAMBERTINI

43, Praça dos Restauradores, 49

LISBOA



# \* A. HARTRODT \*

Agencia de Transportes Internacionaes

Despachos e Seguros Maritimos

CASAS PRINCIPAES : **HAMBURGO e LONDRES**

Succursaes : ANVERS (Antuerpia), BREMEN, LIVERPOOL, GENOVA, GOTHENBURGO, LEIPZIG e LUBECK

Recommenda aos importadores portuguezes os seus serviços d'expedições em grupagem, para Lisboa, Porto, Madeira, Ilhas e Colonias portuguezas, de qualquer dos portos acima.—Todas as informações relativas a serviços de transportes, despachos e seguros, seja para importação ou para exportação de mercadorias, são promptamente fornecidas a quem as sollicitar ao seu agente em Portugal:

**MARTINS E GALA, Limitada**

Rua do Crucifixo, 8, 2.º — LISBOA

## Cura da Asthma

E BRONCHITES CHRONICAS

COM O

— LICOR LOPES —

108 PH. CENTRAL 110  
R. de S. Paulo. Lisboa

GARRAFA 1\$500 RÉIS

PELO CORREIO, 1\$700 RÉIS

## LIVRARIA CAMÕES

DE

**JOÃO GONÇALVES**

Rua Augusta, 185 - Lisboa

Antiga CASA VEROL JUNIOR

Compra e vende livros de estudo novos e usados para as Escolas primarias, Liceus e Normaes. Romances e peças theatraes. Livros classicos. Gravuras, etc. Encarrega-se de encadernações por preços limitados.

Pianos das principaes fabricas: **Bechstein, Pleyel, Gaveau, Hardt, Bord, Otto**, etc. ✕ ✕

**MUSICA** dos principaes editores — **Edições economicas** — Aluguel de musica. ✕

Instrumentos diversos, taes como: **Bandolins, violinos, flautas, ocarinas**, etc.

PEÇAM-SE OS CATALOGOS



Praça dos Restauradores



FORNECEDOR DAS CORTES DE SS. MM.  
o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia.—  
Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia.—  
Imperador da Russia.—Imperatriz Frederico.—  
Rei d'Inglaterra.—Rei de Hespanha.—Rei da Ro-  
mania.—SS. AA. RR. a Princesa Real da Suecia  
e Noruega.—Duque de Saxe Coburgo-Gotta.—  
Princesa Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).  
BERLIN N.—5-7, Joannisstrasse.  
PARIS.—334, Rue St. Honoré.  
LONDON W.—10, Wigmore Street.

Representante e UNICO DEPOSITARIO dos  
CELEBRES **BECHSTEIN**  
PIANOS  
Casa Lambertini \* Praça dos Restauradores

Empresa Mobiladora \* MIGUEL FERREIRA

Fornece a prompto, a prestações e por aluguer tudo quanto é preciso  
para guarnecer uma modesta habitação ou o mais luxuoso palacio.

Preços e Prestações resumidas

Lisboa \* 256, 258, RUA DA PALMA, 260 e 260-A

# La Hacienda



REVISTA mensal illustrada sobre agricultura criação de gado e industrias ruraes. Editada em portuguez em Buffalo, N. Y., E. U. A., para o beneficio dos Snrs. Agricultores, Comerciantes, Banqueiros e outras pessoas amantes do progresso. Assignatura annual 12\$000 moeda brazileira, ou 4\$000 moeda portugueza. Para mais informações dirija-se á

## LA HACIENDA COMPANY

Dept. N. BUFFALO, N. Y. E. U. A.

## Grande Hotel de Inglaterra

Praça dos Restauradores  
LISBOA

Aquecimento pelo vapor  
em todos os aposentos

Jantares-concertos  
todos os dias

HOSPEDAGEM COM PENSÃO  
desde 2\$000 réis

Para familias com permanencia  
Preços especiaes

# BERLIM CAROL OTTO BERLIM

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação de ferro, sommeiro em cobre ou ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, machinismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante.—Boa sonoridade—Afinação segura—Construção solida

# BERLIM CAROL OTTO BERLIM

# Professores de musica

- Adelia Heinz**, professora de piano, *Rua das Gaiotas, 20 C, 1.º E.*
- Alexandre Rey Colaço**, professor de piano, *Rua N. de S. Francisco de Paula, 48.*
- Alfredo Mantua**, professor de bandolim, *Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º*
- Antonio Soller**, professor de piano, *Rua Malmerandes, 32, PORTO.*
- Arthur Trindade**, professor de canto, *Rua Barata Salgueiro, 11, 1.º*
- Carlos A. Tavares d'Andrade**, prof. de piano, *R. Thomaz d'Anunciação, 21, 1.º, D.*
- Carlos Gonçalves**, professor de piano, *Rua do Monte Olive, 12 C, 2.º*
- Carolina Palhares**, professora de canto, *Rua de S. Bento, 137, 3.º E.*
- Elisabeth Von Stein**, professora de violoncello. *R. S. Sebastião das Taipas, 75, 3.º D.*
- Ernesto Vieira**, *Rua de Santa Martha, 232, A.*
- Eugenia Mantelli**, professora de canto e piano, *Rua do Munto, 84, 2.º*
- Flora J. Nazareth e Silva**, professora de piano, *Rua N. do Loureiro, 12, 1.º D.*
- Francisco Bahia**, professor de piano, *Rua Luiz de Camões, 71.*
- Francisco Benetó**, professor de violino, *Costa do Castello, 46.*
- Gertrudes Maria de Barros**, professora de piano, *Rua Ilha do Pico, 33, r/c.*
- Guilhermina Callado**, prof. de piano e bandolim, *Rua Paschoal de Mello, 131, 2.º, D.*
- Joaquim A. Martins Junior**, professor de cornetim, *Rua das Salgadeiras, 48, 2.º*
- Léon Jamet**, professor de piano, órgão e canto, *Travessa de S. Marçal, 44, 2.º*
- Lucila Moreira**, professora de musica e piano, *Avenida da Liberdade, 212, 4.º D.*
- M.<sup>me</sup> Sanguinetti**, professora de canto, *Rua S. Domingos à Lapa, 82, 2.º*
- Manuel Gomes**, professor de bandolim e guitarra, *Rua das Atofonas, 31, 3.º*
- Marcos Garin**, professor de piano, *Calçada da Estrella, 20, 3.º*
- Maria Margarida Franco**, professora de piano, *Rua Formosa, 17, 1.º*
- Philomena Rocha**, professora de piano, *Rua da Imprensa Nacional, 73, 2.º*
- Rodrigo da Fonseca**, professor de piano e harpa, *Rua de S. Bento, 47, 2.º E.*

## A ARTE MUSICAL

Preço por assignatura semestral

Pagamento adiantado

Em Portugal e Colonias .....	1\$200 réis
No Brazil (moeda forte) .....	1\$800 »
Estrangeiro .....	Fr. 8

**Preço avulso 100 réis**

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

**PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49—Lisboa**